

Memory, History and Education in Machado De Assis

Antônio Joaquim Pereira Neto

Received: 12 September 2021 Accepted: 2 October 2021 Published: 15 October 2021

Abstract

The present paper evidences the relation between memory, history and rhetorical education in some of Machado's narratives. In this research, the analyzed narrator and characters are medallions that alienate themselves with the cultural models left by the west, for instance, those of political ethics present in the writings of Machiavelli and those of the uses and customs of the rhetorical institution. In fact, in these narratives, the reference made by their characters to the memory and the history as places of discourse invention contradict the moral conventions of the ancient oratory, such as those of speaking well and honestly, which makes verisimilar the idea in which these narratives are metaphors of an empire whose educational system is dominated by subjects who, when ordering the discourse according to the needs of the occasion, take power as the ultimate cause of their reasoning.

Index terms— memory; history; education; rhetorical; machado de assis.

1 Introduction

1 "Podemos entender a retórica como a instituição maior, o sistema de estudo da linguagem humana e de toda a produção linguística em Efetivamente, mediante o acesso às opiniões desses caracteres, evidencia-se que a história é ficcionalizada por Machado como instrumento da retórica, como era "dentro do antigo trivium", quando "a historia era vista como campo auxiliar tanto da gramática quanto da retórica" (ENGELS, 2019, p. 80), posto que, enquanto lugar de invenção, de "fornecimento de exemplos para a retórica", a história foi, até o século XVIII, "subordinada à filosofia moral" (GUNTHER, 2019, p. 90). Consciente da forma falada ou escrita, com especial ênfase na sua função de gerar um efeito prático, imediato, mas previamente estabelecido e esperado sobre aquele a quem se destina um discurso produzido" (REZENDE, 2010, p. 23). 2 De acordo com João Adolfo Hansen (2008, p. 19), "nos séculos XVI, XVII e XVIII, os usos dos procedimentos técnicos da invenção poética eram parte dos regimes discursivos subordinados ao "bem comum" público desse todo". E, com efeito, "os códigos da poesia foram retóricos, imitativos e prescritivos, diferente dos critérios expressivos e descritivos da estética, da crítica e da histórialiterária então inventadas pela revolução romântica".

estudo das relações entre memória e história nas narrativas de Machado de Assis poderia evidenciar a maneira como este escritor dialoga com a tradição cultural cujas convenções simbólicas modelaram as práticas de representação até fins do século XVIII, antes de a revolução burguesa promover a ruína do antigo regime e de suas instituições: a tradição dos usos e dos costumes da instituição retórica 1 . Com O efeito, é no seio de uma reflexão sobre seus modelos discursivos que regeraram os processos de invenção poética até enquanto duraram as instituições do mundo antigo 2 , que é possível encontrar as noções de memória e história reavaliadas pela ficção machadiana. Considera-se, nesta pesquisa, que "a retórica não era uma presença meramente residual no Brasil do século XIX, ocupando antes posição privilegiada no sistema de ensino" (MARTINS, 2005, p. 5). O presente trabalho, então, formaliza a hipótese segundo a qual o escritor brasileiro se apropria dessas noções, de forma irônica, para figurar um ambiente local cuja oratória era exercida na contramão das virtudes morais exigidas de um grande orador, apontando para as vicissitudes maquiavélicas de suas práticas, governadas pelo império das circunstâncias. Desse modo, Machado constrói uma ficção cuja retórica dos seus narradores não toma como objeto o que é justo ou injusto segundo o que a tradição sofística pressupõe, mas o que é conveniente para a entrada no banquete da vida social. Ao expor a arbitrariedade dos usos maquiavélicos e retóricos da linguagem feitos pelos narradores e personagens de sua ficção, o escritor brasileiro expõe, por chave alegórica, a apropriação

1 INTRODUCTION

46 inadequada da arte retórica no seu contexto, "pelo qual poderia ser reconhecida e trabalhada a perspectiva em
47 que ela, a arte retórica, "como qualquer arte competitiva, deve ser usada com justiça" (PLATÃO, 2000, p 43),
48 como é prescrito por Górgias no diálogo platônico. verossimilhança desses fundamentos, Machado vai justapor à
49 ficção a história, pela via de imagens que metaforizam a memória dos valores sociais e morais advogados pelas
50 figuras públicas do império brasileiro. Por esta via, esta memória se constitui enquanto uma paródia cômica do
51 mau uso dos preceitos do livro XI da instituição oratória de Quintiliano (2016, p. 235), onde ela é tida como
52 uma faculdade que "armazena boa quantidade de exemplos, leis, decisões, sentenças e, enfim, ainda de fatos,
53 de que o orador deve sempre dispor de imediato e em bom número", pois, considerada o tesouro da eloquência,
54 em Quintiliano a memória constitui-se como técnica indispensável no processo de invenção dos discursos. É
55 por intermédio dela que o orador deve, nessa perspectiva, encontrar os lugares comuns que configuram o vasto
56 manancial das boas opiniões que são dignas de imitação. E de igual forma, afirma o orador (QUINTILIANO,
57 2016, p. 29), "a História pode alimentar o orador como com certo suco agradável e abundante", como o ensinou
58 Cícero (2009, p. 201): "Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da
59 vida, mensageira da antiguidade, que outra voz a confia à eternidade, se não a do orador?"

60 Essas premissas estão na base do raciocínio da ficção em análise, visto que, por sustentarem o costume dos
61 oradores e das práticas de representação preceituadas pela instituição retórica até fins do século XVIII, elas
62 são o objeto da avaliação machadiana realizada sobre a tradição dos preceitos que também foram influentes
63 nas práticas de representação de um meio social marcado pelo vício da corrupção, da verbosidade vulgar, da
64 loquacidade vazia. O presente trabalho visa evidenciar, portanto, que o autor de Memorial de Aires alegoriza a
65 Memória e a História como tesouros da eloquência, apontando, ironicamente, para a impossibilidade, no império
66 brasileiro, desses caracteres atingirem a suprema virtude de um orador, aquilo "que é conveniente a todos, sempre
67 e em qualquer situação: agir e falar honestamente" (QUINTILIANO, 2016, p. 185). Apropriando-se da retórica de
68 forma irônica, Machado expõe a artificialidade dos seus mecanismos; seus caracteres são metáforas dos vícios que
69 dominam o imaginário social predominante nas instituições públicas do seu tempo. Esses caracteres personificam
70 o agir e o falar propensos ao injusto, ao desonesto, ao vício moral. Finalmente, o Machado de Assis das crônicas
71 e dos contos é lido, neste trabalho, como um arqueólogo de imagens e ideias que formam o conjunto dos valores
72 sociais do seu tempo. O conhecimento de sua fábrica de caracteres constitui-se, então, como o caminho para o
73 conhecimento do modo como suas narrativas dialogam com a história, com os discursos ficcionais legados pela
74 tradição retórica e com a memória das "verdades" compartilhadas pelos indivíduos do seu universo oitocentista.

75 Uma leitura da ficção machadiana, atenta às referências citadas pelos seus narradores e interessada nos artifícios
76 já conhecidos de sua ironia, pode permitir ao leitor apreciar um Machado crítico dos autores que constituem
77 os modelos imitados pelas vozes responsáveis pelos enunciados de sua ficção, pois Machado demonstra estar
78 ciente de que "a efetividade da comunicação entre autor e leitores fundamenta-se em uma certa estabilidade dos
79 códigos" (JOBIM, 2003, p. 150); Ele nos convida a dialogar de maneira reflexiva e crítica com as suas regras
80 constitutivas, cujas imagens formam o patrimônio histórico responsável pelo fornecimento das matérias de sua
81 enunciação. Desse modo, a proposta deste trabalho também é a de denotar em que medida as imagens dessa
82 narrativa replicam os fundamentos da ética esboçada nos escritos de Maquiavel, modelo imitado no conto teoria
83 do medalhão, que constitui retoricamente a memória enquanto lugar de invenção em Machado de Assis, que é o
84 responsável por delegar voz ao agente que narra na sua ficção, uma vez que "o narrador é, portanto, um sujeito
85 delegado, qualificado como tal por uma instância superior, que lhe dá voz, que lhe atribui o poder conduzir o
86 discurso" (CALBUCCI, 2010, p. 42). Nesse sentido, a ordem discursiva das narrativas em destaque "é remissiva
87 a conteúdos, valores ou matérias sociais que fundamentam as opiniões e os valores comuns dos operadores da
88 linguagem dos diferentes gêneros exercitados por esse autor: os seus narradores e personagens" (PEREIRA
89 NETO, 2017, p. 395)

90 Com efeito, formalizando a memória dos lugares comuns pressupostos nestes enunciados, o autor se posiciona
91 contra o leitor que destina plena fé nas sentenças e nos ditos materializados na enunciação, dado que o
92 reconhecimento dos modelos por ora imitados, que expressa o compartilhamento dos valores sociais, políticos
93 e morais representados, é um caminho para o entendimento do modo como Machado efetua a sua crítica a estes
94 mesmos modelos, de modo que, ao compor um retrato da linguagem, dos artifícios, e não um retrato de si, ele
95 expõe a não naturalidade dos enunciados que alegorizam os regimes dos discursos retóricos, educacionais e políticos
96 do seu tempo. Para a compreensão dessa crítica, será analisada a teoria do medalhão do conto machadiano, cuja
97 doutrina é metáfora de uma educação marcada pelo mau uso da memória e da história, pela "indolência da
98 juventude, pela negligência dos pais, pela ignorância dos preceptores e pelo esquecimento do costume antigo"
99 (TÁCITO, 2014, p. 85). Assim, o escritor brasileiro toma como matéria de sua sátira a improbidade dos
100 raciocínios que são desprovidos de refinamento, de disciplina, a interpretação brasileira do fundamento moral
101 subjacente à instituição retórica e a eloquência dos escritos de Maquiavel, que no Brasil é utilizada para fins
102 sociais.

103 O conto narra um diálogo entre Janjão e seu pai, que o ensina os mais essenciais fundamentos do ofício de
104 medalhão. Na conversa realizada no dia do aniversário do filho, o objetivo era torná-lo "grande e ilustre, ou pelo
105 menos notável", "acima da obscuridade comum" (ASSIS, 2007, p. 83). E as oportunidades eram múltiplas, uma
106 vez que ele poderia "entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio,
107 nas letras ou nas artes" (ASSIS, 2007, p. 82). Por assim dizer, o medalhão exemplifica os tipos caracteres que
108 utilizam todos os meios disponíveis nas circunstâncias ideais para alcançarem uma boa figuração social, sempre

109 com a perspectiva de permanecerem em evidência no topo da hierarquia. Ao perseguir o poder e tomá-lo enquanto
110 causa eficiente de suas ações, este tipo social lembra os preceitos morais ratificados na obra "O príncipe", de
111 Maquiavel, como é revelado no diálogo pelo pai de Janjão: "guardadas as proporções, a conversa desta noite vale
112 o Príncipe de Machiavelli" (ASSIS, 2007, p. 90). Por seu turno, discorrendo sobre o quanto pode a fortuna nas
113 coisas humanas e de que modo se deve resistir a ela, Maquiavel (2010, p.247) assevera:

114 Creio, ainda, que seja feliz aquele que conforma o seu modo de proceder com os atributos do tempo; do mesmo
115 modo creio infeliz aquele cujo proceder diverge do tempo. Porque vendo os homens, nas coisas que realizam, que
116 cada um propõe, isto é, glória e riquezas, variam eles no procederem: um com respeito, outro com ímpeto; um
117 com violência, outro com arte; um pela paciência, outro com o seu contrário; e cada um pode com estes diversos
118 modos alcançar o que deseja. Vê-se ainda em dois homens prudentes um chegar a seu intento, o outro não; e
119 de modo semelhante dois igualmente prosperarem com diferentes maneiras de agir, sendo um respeitoso e outro
120 impetuoso.

121 A observação do tempo enquanto prerrogativa para a ação virtuosa com vistas ao fim desejado é a norma
122 determinante deste pensamento. Em Maquiavel o proceder é político e, portanto, a finalidade é a manutenção
123 deste poder. Assim, se neste autor são as ações políticas do príncipe que devem seguir a boa ocasião, em
124 Machado temos as ações retóricas, posto que, se Maquiavel pressupunha o sucesso político como meta, pois
125 vivia para guerra e "a guerra não era o "esporte" dos príncipes, era a sua sina" (ANDERSON, 2004, p. 31),
126 o medalhão machadiano pressupunha o sucesso social, pois o seu mundo não era a Itália dos impasses políticos
127 da era do renascimento, mas o Brasil oitocentista de um sistema monárquico escravocrata cujo regime garantia
128 os privilégios de tipos que almejavam ascender ao poder por meio de negociatas, de publicidade e de atitudes
129 morais que atendiam bem às necessidades da ocasião. Se para vencer e conservar o Estado, "os meios serão
130 sempre julgados honrosos e por todos serão louvados, porque o vulgo se deixa levar por aquilo que parece e pelo
131 resultado das coisas" (MAQUIAVEL, 2010, p. 181), para ascender "acima da obscuridade comum", o medalhão
132 deve "pôr todo o cuidado nas ideias que houverses de nutrir para uso alheio e próprio" (ASSIS, 2007, p. 83).
133 Advertências são feitas na teoria do pai de Janjão contra o perigo de ser afligido por ideias próprias e a leitura de
134 compêndios de retórica é aconselhada, bem como a escuta de certos discursos, cujo regime debilitante coaduna-se
135 com o papel de um genuíno medalhão.

136 Ser "dotado da perfeita inófia mental" é "conveniente ao uso deste nobre ofício" (ASSIS, 2007, p. 84).
137 O oxímoro em destaque justapõe a falta de pensamento ou seu defeito com a "nobreza" do exercício dessa
138 profissão; ele é a imagem do contraditório da inaptidão honrosa, da falha sublime, da irracionalidade elevada.
139 Mas considerando que a glória e a riqueza pressupõem oportunismo, adequação às conveniências do momento,
140 qualquer um pode alcançá-las de diferentes modos. Não existe um parâmetro ético homogêneo a ser adotado,
141 basta observar os atributos do tempo, como ensina Maquiavel, uma vez que, para conservar o Estado, ou para
142 garantir um lugar no parlamento, na magistratura, na imprensa ou na indústria, pode ser conveniente "agir
143 contra a palavra dada, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião. E, porém, é necessário que
144 tenha um ânimo disposto a mudar segundo o que lhe ordenem os ventos da fortuna e as variações das coisas
145 exigirem" (MAQUIAVEL, 2010, p. 181). Como é possível observar, não há uma unidade de comportamento
146 normatizada nos escritos de ambos os gêneros. Tanto o medalhão quanto o príncipe são obras das vicissitudes do
147 tempo, de suas incorreções, de suas dinâmicas, de suas discontinuidades, pois como já havia percebido um crítico
148 contemporâneo de Machado, Urbano Duarte, "a virtude ou o vício são o produto das circunstâncias, e o homem é
149 o escravo das circunstâncias" (GUIMARÃES, 2017, p.22). Eis o porquê é necessário evidenciar a historicidade de
150 ambos os discursos caso a finalidade seja a compreensão verossímil dessas imagens. Em "O príncipe", "Maquiavel
151 ainda argumenta totalmente dentro do estilo dos humanistas, recorrendo ao conceito de imitação dos exempla
152 retirados das obras históricas dos antigos" (GUNTHER, 2019, p. 92). Todavia, tomando a história como matéria
153 de sua análise, "ele apresenta sugestões de ação a partir dessa análise, que lhe permite comparar, ao menos em
154 parte, a situação antiga com a contemporânea" (GUNTHER, 2019, p. 92).

155 O que caracteriza o pensamento histórico da idade moderna 3 outro lado, o que configura o pensamento
156 histórico dos personagens machadianos das narrativas em destaque, nesta análise, é uma interpretação que
157 justapõe o valor atribuído ao conhecimento do presente como caminho mais fácil para a obtenção do poder
158 com um "conhecimento do passado" que "não ia além dos limites daquilo que era exemplarmente útil", de modo
159 que "o objetivo último da fala era o sucesso em termos de efeitos" (ENGELS, 2019, p. 80), como pode ser notado
160 em uma das fórmulas do pai de Janjão, cujo objetivo era poupar o filho "de não obrigar os outros a um "esforço
161 inútil" (ASSIS, 2007, p.85): "Tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes"! E esta frase
162 sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos
163 como um jorro súbito de sol" (ASSIS, 2007, p. 86). Com efeito, necessário era evitar "todo um andaime de
164 palavras, conceitos, e desvarios" (ASSIS, 2007, p. 86), visto que "convém tomar as armas do seu tempo" (ASSIS,
165 2007, p. 86). Enquanto leitor das obras de Cornelius Tacitus 4 As opiniões do pai de Janjão são vulgares e,
166 portanto, não são válidas "para discutir coisas prováveis, endoxa. O endoxon é a boa doxa, a boa opinião sobre
167 as coisas, opinião considerada verdadeira pelos sábios ou pela maioria deles" (HANSEN, 2019, p.174), como está
168 evidenciada no livro de Tácito, bem como no livro "Retórica a Herênio" (2005, p. 205): "os exemplos, já que
169 são semelhantes a testemunhos, convém igualmente que sejam tomados de homens que usufruam de excelente
170 aprovação". Aqui já é possível notar a alusão metafórica e crítica feita pelo autor à vulgar educação destinada
171 aos jovens do império brasileiro oitocentista. Aliás, ser medalhão implicava corromper os preceitos ensinados da

1 INTRODUCTION

172 doutrina retórica antiga. A memória enquanto sede das boas opiniões "ditas de modo muito sério por homens
173 muito ilustres" está distorcida na imaginação deste narrador, que por sua vez se encontra distante dos preceitos
174 de uma boa educação, dada a sua paixão pelo poder. Com efeito, "o medalhão é uma metáfora programa, que se
175 concretiza no comportamento da maioria dos , Machado não compõe este personagem para se referir ao "pecúlio
176 comum" como a boa opinião dos sábios, tal como é prescrito pelo orador romano:

177 De memória e de recordação preciso, neste momento, para expor com os mesmos passos e a mesma lógica,
178 preservada a ordem dos raciocínios, as coisas que escutei e que foram não só pensadas sutilmente, mas também
179 ditas de modo muito sério por homens muito ilustres, quando cada um trazia opiniões diferentes ou mesmas, mas
180 passíveis de toda prova (TÁCITO, 2014, p. 21).

181 personagens machadianos que alcançam prestígio social" (RIEDEL, 1979, p. 95).

182 Neste contexto oitocentista, a metáfora do medalhão também aparece no seu romance 5 O acesso ao capital
183 simbólico garantido pelas listas ministeriais move os ânimos desse narrador, bem como o desejo de figurar nos
184 lugares de reconhecimento público. A mesma motivação condiciona os personagens da crônica do dia dezesseis
185 de maio de 1885, que vislumbram a repetição de viagens à corte com o uso do dinheiro público. Denunciados
186 por José Mariano na tribuna dos diplomatas, os nobres diplomatas do governo se revoltam contra os chamados
187 impostos inconstitucionais que garantiam o regime destes privilégios. Todavia, tendo sido constrangidos na
188 tribuna e por ora dissimulando sem afetação em meio à situação vergonhosa, um dos personagens cogita uma
189 solução triunfante, mais precisamente uma estratégia retórica: "eu, se fosse imperador ... suprimiria os adjetivos"
190 (ASSIS, 1992, p. 456), uma vez que "os adjetivos corrompem tudo" e o "adjetivo que nos agrada está na boca
191 do mundo". Novamente se evidencia a relevância destinada aos lugares comuns, presentes na "boca do mundo".
192 A ideia construída no seio desse diálogo visava desmontar a imagem criminosa presumida no uso dos impostos
193 inconstitucionais. Eis o que diz esse personagem: "vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e
194 corados, cheios de vida e futuro. O que os corrompe e faz definir é o epíteto de inconstitucionais" (ASSIS, 1992,
195 p. 456). A imagem em destaque permite a linguagem transformar os usurpadores do Estado em metáforas do
196 que é tido como agradável na boca do e na sua crônica; esta faz remissão aos ambiciosos tipos fluminenses, como
197 está exposto na que foi publicada em vinte de abril de 1885, quando o narrador sugere aos seus amigos a inclusão
198 do seu nome nas listas de ministérios, "que é de costume publicar anonimamente, com endereço ao imperador"
199 (ASSIS, 1992, p. 450). Ao comparar a ambição às flores, que abotoam e depois desabrocham, ele resolve abrir a
200 sua "alma ao sol da nossa bela América", expondo sinceramente as causas do seu pedido:

201 A primeira coisa é toda subjetiva; é para ter o gosto de reter o meu nome impresso, entre outros seis, para
202 ministro de Estado. Ministro de quê? De qualquer coisa: contanto que o meu nome figure, importa pouco a
203 designação. (...) Agora a segunda coisa, que é menos recôndita. Tenho alguns parentes, vizinhos e amigos, uns
204 na corte e outros no interior, e desejava que eles lessem o meu nome nas listas ministeriais, pela importância que
205 isto me daria (ASSIS, 1992, p. 452). mundo: impostos "gorduchos e corados, cheios de vida e futuro". Desse
206 modo, "Machado exercitava seu espírito crítico nos moldes da crônica, registrando as contradições humanas e
207 denunciando o comportamento desajustado das elites brasileiras" (SOARES, 2012, p. 103).

208 Consciente do poder da linguagem de inventar e redesenhar os fatos sociais, a ironia machadiana se inscreve
209 nas incongruências semânticas subjacentes nas imagens retóricas compostas pelos seus personagens; não há
210 isomorfismo simbólico e moral entre os impostos pagos para suprirem os cofres públicos do governo, que são
211 cheios de vida e que podem garantir o futuro, o bem-estar-social de um povo, e os impostos pagos para financiar
212 a boa vida de fidalgos diplomatas que emagrecem e arruinam a vida econômica de um Estado. No entanto, nessa
213 tribuna, a naturalização do vício da corrupção seria passível de ser legalizada por um singelo decreto, visto que o
214 direito pode também ser funcional na proteção dos interesses de classe, como propõe o medalhão: "eu, abolindo
215 por um decreto todos os adjetivos do Estado, resolvia de golpe essa velha questão, e cumpria esta máxima, que
216 é tudo o que tenho colhido da história e da política, e que aí dou por dois vinténs a todos os que governam este
217 mundo: Os adjetivos passam, e os substantivos ficam" (ASSIS, 1992, p. 456).

218 Com efeito, o leitor machadiano, ao notar o extraordinário, é levado a conceber a falta de unidade do argumento,
219 a inóipia mental referida na teoria do medalhão, para assim perceber que o segredo deste último está no hábito
220 maquiavélico de agir conforme a ocasião, pois se nesse caso da crônica a ideia de abolir o adjetivo serve ao
221 propósito de sustentar as regalias de uma vida na corte, garantindo aos pretendentes a visibilidade pública, no
222 caso do conto, o medalhão não poderá possuir "o ar pesado e cru de substantivos desadjetivados" (ASSIS, 2007,
223 p.88), mas ser o adjetivo das comissões, das irmandades, dos tribunais, consagrando-se como "o odorífico das
224 flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios" (ASSIS, 2007, p.
225 88). Nessa lógica, pouco importa a ferramenta a ser utilizada para não ser engolido pela obscuridade, mas sim
226 a capacidade de chegar até a causa final, tornar-se um homem medalhão. "E ser isso é o principal, porque o
227 adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica" e "o substantivo é a realidade nua e crua, é
228 o naturalismo do vocabulário" (ASSIS, 2007, p. 88). Ser apenas homem sem o epíteto de medalhão é perder
229 a porção idealista e metafísica residente na memória coletiva que alça os indivíduos ao topo da hierarquia para
230 serem proclamados sublimes, e vistos "acima da obscuridade comum".

231 A máxima segundo a qual "os adjetivos passam, os substantivos ficam", é tudo o que este caractere colheu da
232 história e da política. Por esta via, sendo a fonte dos seus raciocínios, a história constitui a sua memória, que por
233 sua vez a utiliza como locus de sua enunciação, dispondo a imagem ao sabor das conveniências do caso sobre o
234 qual almeja deliberar, pois sua principal virtude é a de ser a "guardiã de todas as partes da retórica", bem como

235 "o tesouro das coisas inventadas" (HERÊNIO, 2005, p. 181). Por seu turno, enquanto sede de argumentos, a
236 história encabeça os lugares comuns constitutivos dos valores de verdade das personae machadianas. Constituindo
237 a materialidade dos eventos, dos fatos e dos casos cotidianos, a história está sempre à disposição da memória, pois,
238 sendo locus de enunciação, ela está sujeita às invenções dessa última, como foi possível demonstrar na crônica,
239 pois, "assim como as artes nasceram da memória, o historiador e o retor, quais artífices, dependiam dela -da
240 memória -para exercer a contento os seus ofícios" (GUIMARÃES, 2012, p. 14). Por seu turno, sendo um registro
241 do presente, a crônica materializa os casos triviais do dia a dia, permitindo ao ficcionista compor narrativamente
242 um discurso verossímil sobre as práticas sociais do seu tempo. Eis a pertinência de tomar a crônica machadiana
243 como o lugar privilegiado dos raciocínios de sua ficção, ou o contrário, a ficção como lugar de imagens verossímeis
244 para os narradores de suas crônicas.

245 Ao compor a história do cotidiano, disposta pela memória dos seus personagens, a crônica machadiana fortalece
246 o diálogo da história com a ficção, sobretudo no conto em análise, que toma como modelo aquele que com mais
247 agudeza se voltou para os discursos enquanto fonte de exemplos: Nicolau Maquiavel. Com efeito, o conto ratifica
248 essa premissa, na medida em que a história e a memória, a despeito de terem sido objetos de uma apropriação
249 inconveniente, devem funcionar como fontes das ideias de um autêntico medalhão, posto que, para o pai de Janjão,
250 "um discurso de metafísica política apaixona os partidos e o público" e a sua invenção implica em encontrar suas
251 premissas no lugar finito dos raciocínios mundanos, tendo em vista que "nesse ramo dos conhecimentos humanos
252 tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória" (ASSIS, 2007, p. 89),
253 de modo que esta, finalmente, também possa dispor dos "alforjes" da história. Eis o conselho a ser seguido por
254 Janjão:

255 Podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de medusa, o
256 tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando
257 precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é de bom aviso
258 trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Caveant, consules é um
259 excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do Si vis pacem para bellum (ASSIS, 2007, p. 85).

260 Esta passagem evidencia não somente o estado de vigilância crítica ao qual Machado submete as convenções
261 poéticas dos modelos clássicos, românticos e realistas, mas a exposição de uma educação cuja memória deve
262 oferecer aquilo que é adequado para persuadir em cada caso, a despeito dos pressupostos éticos dos fins
263 objetivados. Finalmente, o jovem dessa ficção não é o jovem doutrinado pelo costume retórico antigo, para
264 o qual "a condição de ser um homem bom é indispensável não apenas àquele que já é orador" (QUINTILIANO,
265 2016, p. 387), mas também àquele que um dia será. Ele é, portanto, o que deseja obter um medalhão, um brasão,
266 um atestado de nobreza, titulado por decreto do imperador 6 Aliás, neste contexto, cujo diálogo deveria "ser
267 utilizado para pôr em prática metodologias didáticopedagógicas, ou ainda reforçar questões de natureza crítica"
268 (REZENDE, 2014, p. 15), denota-se uma metodologia que funciona na contramão dessa perspectiva, pois o
269 jovem desse conto não apresenta um contra-argumento, uma polêmica beligerante, convertendo-se no imitador
270 servil da teoria do pai, cujo método demonstra que não é preciso uma técnica aguda para atingir o ânimo de
271 caracteres interpelados pelas falas que murmuram os conteúdos do "boato do dia, da anedota da semana, de um
272 contrabando, de uma calúnia, de qualquer coisa" (ASSIS, 2007, p. 85). Como foi percebido na crônica, converter
273 um problema social relativo ao mau uso dos impostos públicos em um problema de linguagem a ser resolvido
274 pela supressão jurídica dos adjetivos, é aderir às máximas adequadas às convenções do gênero prescrito para
275 medalhões, o do discurso de metafísica política: "Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna? -Podes e deves;
276 é um modo de convocar a atenção pública.

277 Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: ou os , ao contrário dos jovens de tempos idos, do mundo
278 romano da época de Tácito, que, "postos na bigorna dos estudos", ouviam e seguiam os oradores para levarem
279 "para casa algo notável e digno de memória" (TÁCITO, 2014, p. 65). Aliás, o diálogo machadiano com a
280 tradição retórica torna-se mais evidente na sua alusão ao diálogo, epígrafe desta narrativa, que remete ao
281 gênero praticado por filósofos e oradores do mundo antigo, cuja "fórmula é estratégia amplamente conhecida
282 e empregada por Platão, Aristóteles e Cícero, para a exposição de ideias, principalmente aquelas que suscitam
283 maiores questionamentos, pontos de vista conflitantes, enfim, ideias mais complexas" (REZENDE, 2014, p. 14).
284 negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica" (ASSIS, 2007, p. 89). Desse modo, Machado
285 evidencia um contexto cuja má formação da opinião pública é efeito de uma educação que não a permitiu
286 "compreender o dilúvio de adornos linguísticos que encobriam as mensagens" (PINA, 1995, p. 21) retóricas,
287 políticas e morais, pois, "se já trazíamos em nossa formação intelectual o cunho do retoricismo", a educação
288 do jovem "pode implicar, na obra de Machado de Assis, conduzi-lo por caminhos já autorizados pela tradição"
289 (PINA, 1995, p. 23), o que implicaria o aprendizado sistemático dos costumes da instituição oratória 7 Sem ter
290 meditado os poemas com aquela tensão que tais obras estão pedindo, esta juventude os cita e os ama, prática
291 mais do que suficiente para a eficácia da ação retórica dos medalhões, que não necessitam mais do que "empregar
292 umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de medusa, o tonel das Danaides, as
293 asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas", para
294 alçarem acima da obscuridade comum. Pelo visto, é plausível projetar unidade simbólica na escolha de temas
295 cujos valores e posturas reflexivas se replicam nos gêneros formalizados pela sua enunciação. Machado ficcionaliza
296 os discursos dos caracteres utilizados como exemplos em suas crônicas e nos seus contos, que materializam as
297 opiniões, os ditos, as sentenças, os provérbios, as anedotas e as máximas providas nos alforjes da memória e da

1 INTRODUCTION

298 história reconhecidos naquele universo. Ademais, o seu movimento em direção à história é intenso, tamanho o
299 seu foco nos escritos de Maquiavel. Ao ilustrá-lo como modelo das convenções adotadas pelas personae de suas
300 narrativas, ele evidencia que a história, mais do que a retórica, desse modo, mais do que conjunto de técnicas
301 empregadas na composição, mais do que tema diretamente apreendido, magnifica a sua presença, transformando-
302 se no próprio ambiente em que se desenvolvem os processos educativo e social” (SOUZA, 1999, p. 89). Quanto ao
303 gosto poético, como o próprio Machado evidencia no seu ensaio “Instinto de nacionalidade”, essa opinião apenas
304 aplaudia o que havia de nacional nas obras de literatura.

305 A juventude literária, sobretudo, faz deste ponto uma questão de legítimo amor-próprio. Nem toda ela terá
306 meditado os poemas de Uruguai e Caramuru com aquela tensão que tais obras estão pedindo; mas os nomes de
307 Basílio da Gama e Durão são citados e amados, como precursores da poesia brasileira (ASSIS, 1980, p. 355).
308 ficcionais que tomam seus exemplos como matéria verossímil dos valores políticos, religiosos, econômicos, jurídicos
309 e morais compartilhados pelos homens do seu tempo.

310 Decerto, como esses caracteres metaforizam os agentes que ocupavam os postos da burocracia brasileira
311 oitocentista, movidos pela lógica da busca venal pela distinção simbólica e social, as narrativas em destaque
312 avançam no sentido de dispor, para o presente e para a posteridade, “alforjes” de memória, história e ficção
313 que são um testemunho alegórico e cômico das ruínas de um Estado cujos vícios morais são efeitos de uma
314 educação mal conduzida pelo assistemático aprendizado dos costumes retóricos e por uma teoria política que se
315 revela verossímil em um contexto local onde o acesso ao poder é governado pelo abuso do interesse, ao passo
316 que anacrônica quando o critério de análise pressupõe não uma ética do poder, mas uma ética contraposta
317 aos imperativos morais de Maquiavel. Neste longo século XIX brasileiro, a realização objetiva do medalhão
318 se concretiza através “de uma sociedade de vaidosos, ambiciosos, sonegadores, parasitas, ignorantes, mas bem
319 falantes” (RIEDEL, 1979, p. 98). Por assim dizer, “a inópcia mental” exigida para este “nobre ofício” é oxímoro
320 que também figura o contraditório de uma sociedade que assim se legitima, e não pouco verossímil é imaginar um
321 Brasil oitocentista provedor de imagens paradoxais, como as que mimetizam essa educação vulgar, com parasitas
322 no parlamento, sonegadores milicianos no governo, vaidosos na magistratura, gerais no ministério da saúde e
323 ignorantes na educação.

324 A causa final dos discursos dos caracteres analisados não é a racionalidade, pois todos estão submetidos à
325 sátira machadiana. A pena do escritor de maior impacto na vida cultural brasileira pressupõe a diluição dos
326 usos arbitrários de uma retórica voltada para a sustentação da dominação simbólica dos conteúdos culturais que
327 serviram de justificativa ideológica para a reprodução, no século XIX, de uma esfera pública colonizada pelos
328 símbolos de uma sociedade de corte, pois, a despeito dos seus paradoxos morais, ser medalhão significava ser
329 nobre, reconhecido, ilustre, glorioso, num país cuja escravidão representava a insanidade e o fantástico de uma
330 realidade teatralizada pela vulgaridade de personagens e narradores que alegorizam a apropriação alienada dos
331 códigos simbólicos da tradição do pensamento europeu. Com efeito, considerando que a retórica, prescrita pelos
332 sofistas, deveria ser utilizada para fins virtuosos e justos, os quais não são os do pai de Janjão e os de sua teoria,
333 a ironia machadiana, enquanto arma vigente contra os vícios reinantes no seu tempo, não pressupõe as realidades
334 platônicas como representativas do saber contra a ignorância dos , pois sofística era a referência que orientava
335 este escritor. Por esse caminho, emulando a tradição sofística, a escrita machadiana nos leva “a refletir sobre
336 nossos discursos e sobre os fins para os quais poderemos utilizá-los” (MACHADO, 2010, p. 13).

337 A partir da leitura dessas narrativas, evidenciase que o justo não era o objeto da retórica oitocentista
338 brasileira, que aqui se constitui como o objeto da crítica machadiana. Obedecendo à racionalidade do poder, esses
339 fabricantes de persuasão são alegorias, nas estórias em destaque, dos educadores e colonizadores do império.
340 Finalmente, se “as leituras de Machado de Assis (...) acompanham e sintetizam o problema recorrente da inserção
341 do Brasil no globo ou, mais precisamente, na cultura e na política do Ocidente” (SEIXAS, 2017, p. 277), da
342 mesma forma que essa problemática “está colocada também como questão aberta, no seu texto e pelo texto”
343 (SEIXAS, 2017, p.277), o entendimento da posição histórica ocupada por este escritor no mundo oitocentista
344 brasileiro deve considerar, como foi possível demonstrar nessa leitura, o modo como ele transforma os modelos
345 culturais do ocidente, incluindo aqui, sobretudo, os usos inadequados do costume retórico antigo e da ética política
346 de Maquiavel, na matéria de sua elocução satírica, e ao mesmo tempo irônica. ^{1 2 3 4 5}

¹Ver essa antiguidade em seu percurso temporal, contrapor seus exemplos, suas experiências e instituições, colocá-los dentro ou contra o próprio tempo e, a partir daí, planejar sua própria configuração é a primeira coisa que caracteriza o pensamento histórico da Idade Moderna” (ENGELS, 2019, p. 87).

²A obra deste orador está presente na biblioteca de Machado de Assis, como foi possível verificar no livro organizado por José Luís Jobim.

³Para Brás Cubas, “a paixão pelo poder é a mais forte de todas”. “Por isso, como narrador, pede que os leitores imaginem o

⁴No império, todo nobre visava ostentar um brasão “em situações públicas e tê-lo impresso em algum jornal era mérito” (SCHWARZC, 1998, p.181). Para tal propósito, “entrava no cenário verde-amarelo a heráldica, que determinava as regras para compor desenhos e cores, cujos significados deveriam representar as qualidades que diferenciavam aquele nobre de seus congêneres e da gente comum” (SCHWARZC, 1998, p. 180).

⁵Para Sócrates (PLATÃO, 2000, p.40), porta voz do platonismo, “o orador, nos tribunais e nas outras assembleias não instrui sobre o justo e o injusto, limita-se a fazer que os outros creiam”.

-
- 347 [Platão et al. (ed.) ()] , Platão , Górgias , Introdução . de Manuel de Oliveira Pulquério. Portugal (ed.) 2000.
348 Lisboa. 70.
- 349 [Maquiavel and Paulo ()] , Nicolau Maquiavel , Paulo . 2010. Hedra.
- 350 [Moreira and Da Conquista ()] , Marcello Moreira , . –Vitória Da Conquista . 2012. 177.
- 351 [Apresentação Antônio Martinez De Rezende ()] , Apresentação Antônio Martinez De Rezende . 2014. Belo
352 Horizonte: Autêntica Editora.
- 353 [Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar S. A (ed.) ()] __Machado de Assis: obra completa em três volumes, Rio de
354 Janeiro. Editora Nova Aguilar S. A (ed.) 1992.
- 355 [Jobim and Luís (ed.) ()] *A biblioteca de Machado de Assis*, José Jobim , Luís . de José Luís Jobim. 2ª ed.
356 TOPBOOKS. Rio de Janeiro (ed.) 2008.
- 357 [Martins and Vieira ()] *A fonte subterrânea: José de Alencar e a Retórica Oitocentista*, Eduardo Martins , Vieira
358 . 2005. Londrina. 270.
- 359 [Cícero and Do ()] *A invenção no Do orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares 1, 9, 23. Tese*
360 *apresentada ao Programa de Letras clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade*
361 *de Filosofia*, Cícero , Do . 2009. Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
- 362 [Neto and Joaquim ()] *A verossimilhança fantástica, a memória e a ironia no discurso narrativo machadiano.*
363 *Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Memória*, Pereira Neto , Antônio Joaquim . 2017.
364 Linguagem e Sociedade. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista (414 p)
- 365 [Schwarcz and Moritz ()] ‘As barbas do imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos’. Lilia Schwarcz ,
366 Moritz . *Companhia das Letras*, (São Paulo) 1998.
- 367 [Assis ()] Machado Assis . *50 contos de Machado de Assis. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo:*
368 *Companhia das Letras*, 2007.
- 369 [_____ and Instinto De Nacionalidade ()] *Caminhos do pensamento crítico. (organização de*
370 *Afrânio Coutinho, _____, Instinto De Nacionalidade . 1980. Rio de Janeiro: PALLAS S.A.*
- 371 [Engels (ed.) ()] *Compreensão do conceito na Idade Média*, Odilo Engels . O conceito de História. Tradução de
372 René. E. Gertz. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora (ed.) 2019.
- 373 [Jobim and Luís ()] *Formas da teoria: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários. 2ª*
374 *ed. Rio de Janeiro: Caetés*, José Jobim , Luís . 2003. 242.
- 375 [Hansen and Lugar-Comum ()] João Adolfo Hansen , Lugar-Comum . *Agudezas seiscentistas e outros ensaios.*
376 *Organizadores: Cilaine Alves Cunha e Mayra Laudanna*, (São Paulo) 2019. Editora da Universidade de São
377 Paulo
- 378 [Machado and Apresentação ()] *In: Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*, Ida
379 Lucia Machado , Apresentação . 2010. Belo Horizonte: Crisálida.
- 380 [Quintiliano (ed.) ()] *Instituição oratória/Marcos Fábio Quintiliano; tradução*, Quintiliano . Bruno Fregni
381 Bassetto. -Campinas, SP: Editora da Unicamp (ed.) 2016. Tomo IV.
- 382 [Guimarães and De Seixas ()] *Machado de Assis, escritor que nos lê*, Hélio Guimarães , De Seixas . 2017.
- 383 [Pina and Kátia Da ()] *Machado de Assis: a crítica da literatura e o desvio da polêmica. Dissertação de Mestrado*
384 *em Letras, apresentada à comissão de coordenação de Pós-Graduação em Letras da*, Costa Pina , Patrícia
385 Kátia Da . 1995. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro
- 386 [Riedel and Côrtes ()] *Metáfora, o espelho de Machado de Assis*, Dirce Riedel , Côrtes . 1979. São Paulo, Francisco
387 Alves.
- 388 [Guimarães and Memória E Retórica] *Mouros” e “Negros” na Crônica da Guiné (Século XV)*, Jerry Santos
389 Guimarães , Memória E Retórica . Jerry Santos Guimarães. (orientador Dr)
- 390 [Hansen and Adolfo (ed.) ()] *Notas sobre o gênero épico*, João Hansen , Adolfo . Multiclássicos. Organizador:
391 Ivan Teixeira (ed.) 2008. São Paulo: Edusp.
- 392 [Soares and Bernardino ()] *O ethos narrativo em Bons dias!, de Machado de Assis. Machado Assis em linha*,
393 Ivanete Soares , Bernardino . 2012. p. . (Rio de Janeiro. v. 5, n. 10)
- 394 [Souza and De] *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*, Roberto Acízelo Souza , De .
395 (Rio de Janeiro: EDUERJ: EDUFF, 1999. 292 p)
- 396 [Gunther (ed.) ()] *Pensamento histórico no início da Idade Moderna*, Horst Gunther . O conceito de História.
397 Tradução de René. E. Gertz. 1ª (ed.) 2019. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- 398 [Rezende and Martinez ()] *Rompendo o silêncio: a consrução do discurso oratório em Quintiliano*, Antônio
399 Rezende , Martinez . 2010. Belo Horizonte: Crisálida.
- 400 [Retórica A Herênio ()] *Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra*, Retórica A
401 Herênio . 2005. São Paulo: Hedra.

1 INTRODUCTION

402 [Rezende et al.] *Tradução e notas Antônio Martinez de Rezende*, Antônio Rezende , Martinez , Apresentação .
403 Júlia Batista Castilho de Avellar. (Diálogo dos oradores)

404 [Tácito (cornelius Tacitus ())] *Tradução e notas Antônio Martinez de Rezende, Júlia Batista Castilho de Avellar;*
405 *apresentação Antônio Martinez de Rezende*, Tácito (cornelius Tacitus . 2014. Belo Horizonte: Autêntica
406 Editora. (Diálogo dos oradores)